

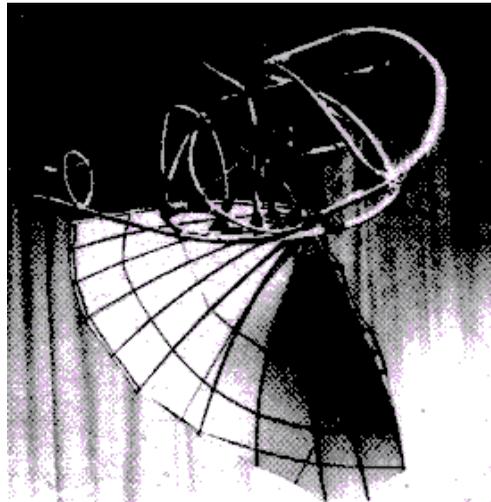
A DÁDIVA DE DÉDALO: UM DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E ARQUITETURA

Adriano Mattos Corrêa*

RESUMO:

Esta dissertação estuda, através de um particular diálogo entre Literatura e Arquitetura, os deslocamentos possíveis e necessários ao homem que se encontra impedido, dado o caráter desterritorializante da cena contemporânea, de nomear e habitar um lugar próprio no mundo. Mostra como Kafka e Le Corbusier foram capazes de edificar o transito necessário a uma escrita e a uma arquitetura, respectivamente, que se constituíram com o alargamento de possibilidades referenciais/territoriais para o indivíduo contemporâneo no contexto cultural de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura, literatura, desterritorialização, construção.



Letatlin: ícone do Construtivismo Soviético construído entre 1929 e 1932, por Vladimir Tatlin.
FONTE: REVISTA A&V et al., n.29, 1991.

Para um mundo explodido, feito em pedaços de múltiplas fraturas em que o sentido do todo se perde diante da impossibilidade da síntese, nos encontramos frente ao impasse de uma complexa trama onde jogos ilusórios de luzes, de escritas

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2000.

e arquiteturas luminosas que não sombreiam se impõem como "impostores imediatistas"¹ que, fechando-se sobre si mesmos, iludem-nos com múltiplas telas e luminescências de profundidade infinita. Para Paul Virilio, "*sem limites visuais, quase não existe a imagética mental e, sem um certo cegamento, não há mais aparência sustentável*. Querem fazer triunfar a *imagem total*, aquela do *grande objeto*".² Dado este estado de coisas, George Balandier elege Dédalo e o Labirinto³ como o mito que parece melhor traduzir as nossas angústias e interrogações atuais.

Tudo parece ainda mais obscuro porque mergulhado na intensidade cegante dessa luz sem limites, dessa luz sem barreiras e sem os intermediários que nos protejam. Nós, homens mancos que somos, estamos desprotegidos diante dessa vastidão luminosa que brilha absoluta. Sem o contraponto necessário da escora ou do esbarro rugoso da sombra que nos ancora ao mundo, nos perdemos enquanto parte de um labirinto liso e luminoso. Sem dobra nem canto, sem nesga ou atrito, este artifício ilusório é incapaz do papel de nos referenciar diante da imensidão de um todo desnomeado.

Como transitar por essas galerias luminosas? Que profundidade inalcançável é essa que se apresenta na infinidade de telas que se desfolham diante de nós? Que sobra de fio de Ariadne ainda nos resta? O drama apavorante do mito do labirinto se renova e recai outra vez sobre nós. Como parte de uma maldição primordial, o homem parece não ser capaz de superar a sua culpa original e, de modo ainda mais complexo, se encontra aprisionado à trama que o impede de construir um lugar próprio no mundo.

Em Kafka, o drama deste estado humano se revela ainda de modo mais explícito: é na metamorfose, numa etapa ainda indefinida do contínuo de uma mutação em eterno processo que nos deparamos com o intermediário de um devir homem que se desumaniza no animal ou, então, num devir animal que se humaniza no homem. Tem-se o ato de uma metamorfose que não se completa, o anúncio de um homem que ainda não se tornou homem.

Para o contínuo desse estado, desse devir homem que se encontra sempre no presente, sem passado e sem futuro, fruto apenas do instante que se funde com a sua própria existência, Kafka assume o papel de construtor desse e nesse momento. "Ele não inventa imagens: assume-as." ⁴ Assim, Günther Anders define o caráter

construtivo da atitude kafkiana. Kafka é construtor na forma como assume e edifica, a partir desse dado próprio do devir humano, a escrita que nomeia esse estado intermediário.

Kafka persegue, com toda a "responsabilidade" que ele próprio incorpora, o mote construtor daquele que tem como tarefa a do arquiteto que edifica o esbarro que sirva de suporte para o inevitável confronto com o Minotauro. Os aspectos analisados apontam para um projeto audacioso traçado por Kafka, que o faz adentrar, como quem se constitui concomitante e de modo complementar, ao próprio labirinto que ele mesmo edifica. Ele sonha o sonho da própria realidade do seu fazer e se faz do próprio animal sonhado por ele mesmo.

Jorge Luiz Borges, em sua coleção de narrativas de diversos "seres imaginários", escreve, sucintamente em *Um Animal Sonhado por Kafka*, o caráter da atitude kafkiana de ser ele próprio construído com o seu próprio ato de construir

É um animal com uma cauda grande, (...)

Por vezes eu gostaria de segurá-la, mas é impossível; o animal está sempre em movimento, a cauda sempre de um lado para outro. (...)

Tenho seguidamente a impressão de que o animal quer me amestrar; senão, que propósito pode ter ao retirar-me a cauda quando quero agarrá-la, e depois esperar tranquilamente que ela volte a atrair-me, para logo tornar a saltar?⁵

Kafka sonha um "animal" que é "sonhado" diante da presença insubstituível do próprio de um outro que o constitui como sonho; que tem, no parentesco daquele que parece tentar "amestrar", aquele que o sonha. Estabelece uma relação singular e complementar de troca que faz possível a constituição de um território particularmente nomeável. Abre-se uma imprevisível possibilidade que assim se constitui, fruto de uma cumplicidade que inclui, conformando tanto um como o outro e forja o fato único de uma mesma cena que só se faz perante a existência conjunta dos dois.

Estabelece-se assim o possível de um diálogo travado com a proximidade, instituído em um mundo onde não se encontra interdito o trânsito, onde a possibilidade da tangência constitui um universo de trocas efetivas, onde a escrita se constrói diante do leitor que a escreve no ato de sua leitura, do habitante que dá sentido à habitação no instante de sua apropriação e de sua transformação. O edifício do labirinto kafkiano se faz como esbarro rugoso, como a sombra necessária que o homem

precisa edificar para viver depois da expulsão do paraíso, diferente do cenário transparente e luminoso do dado contemporâneo. A construção de Kafka aponta para possibilidades de estabelecer estados territoriais nomeados sobre o solo do drama do homem desterritorializado. Ele inventa saídas, deslocamentos capazes de enfrentar o horror do potente Minotauro da cena atual.

Kafka anuncia, antes, a tensão que em Arquitetura só se manifestaria muito tempo depois. Os seus escritos produzidos nos anos 10 e 20 deste século já falam do drama que a Arquitetura Moderna iria viver depois da Segunda Grande Guerra. Em arquitetura, encontra-se muito bem marcada a diferença entre os pressupostos por uma "arquitetura moderna" e o que se definiu como "arquitetura pós-moderna". Em literatura, essa diferença não é tão definida. Kafka inventa e inaugura uma mediação capaz de transitar por onde a arquitetura contemporânea não está sendo capaz de fazê-lo.

A construção arquitetônica se difere da construção literária no momento em que é preciso empreender uma passagem do discurso para a edificação do objeto próprio da Arquitetura. Muitos arquitetos contemporâneos têm edificado literalmente os seus discursos. Há uma diferença fundamental entre o discurso sobre a arquitetura e o edifício arquitetônico construído.

Le Corbusier mostrou, com a edificação de um labirinto moldado em concreto de forma brutal para o *Convento dos Dominicanos de La Tourette*, a possibilidade de construção de um esbarro necessário a aquele que, diante do inevitável enfrentamento, precisa se entregar ao jogo da escrita que faz a intermediação entre o homem, expulso do Jardim do Éden, e Deus. Ele apontou para um deslocamento necessário aos ideais propostos pela Arquitetura Moderna.

The internal space is always surprising, always new and mysterious. Time here is no longer linear; our participation with the building adds up into layers that both reveal and conceal, never resulting in a final clarification of the "idea" of the building. The traditional paradigm of Daedalus, the architectural idea of our Western tradition, finally is transformed here into embodied experience.⁶

Essa corporificação, pontuada por Pérez Gómez, diz de uma passagem fundamental e particular à construção de uma postura arquitetônica de Le Corbusier.

La Tourrette nos mostra que o fazer arquitetônico constitui "itself through experience as a de-idealized notion."⁷ O arquiteto compreende e inaugura, com a sua arquitetura, após um processo doloroso de experimentações, a recomendação de Dédalo que, antes do vôo escapatório do labirinto ao qual pai e filho se encontravam condenados, ensina: __ Ícaro, voemos pelo meio, voemos por onde é possível voar, por entre o sol e o chão, por entre o céu e a terra, voemos por onde se pode constituir a sombra, pois o esclarecimento da luz inteira não é coisa para os homens. Assim, já o sabia Adão depois de expulso do Jardim do Éden.

La Tourrette still proclaims the possibility of participatory, non-reductive representation in the world of electronic media and simulation; the possibility of a culturally significant architecture, facing the challenges posed by a privatized world and a perception of reality often identified with an objectified "picture"⁸

La Tourrette é o anúncio da possibilidade de uma "arquitetura menor", de uma sombra e de um esbarro necessários ao homem, uma construção precisa a aquele que deseja habitar o seu mundo. A dádiva de Dédalo nos aponta para uma construção arquitetônica capaz de dialogar e de se estabelecer frente ao Minotauro da culpa original do homem, é uma possibilidade alternativa à ilusão de um retorno impossível ao Paraíso perdido de Adão.

Enquanto isso nós, arquitetos contemporâneos seduzidos e imobilizados pelo encanto do brilho glamuroso do sol, arquitetos-ícaro continuamos a despencar nos abismos impalpáveis de nossos próprios feitos, ditos arquitetônicos. No poema *As Queixas de um Ícaro*, de Charles Baudelaire em *Flores do Mal*,

E porque o belo ardeu comigo,
Perdi a glória e o benefício
De dar meu nome ao precipício
Que há de servir-me de jazigo.⁹

Com essa dissertação, procuro abrir caminhos e anunciar a possibilidade de deslocamentos necessários ao fazer dos arquitetos contemporâneos. A construção de uma atitude por uma "arquitetura menor" depende de um trabalho cotidiano e próximo do particular de cada homem que carece e deseja nomear um território. Pouco se encontra encaminhado para tanto que ainda está por fazer. Cabe aos arquitetos dos

próximos dias projetar as construções que serão intermediárias à nossa necessidade atual de habitar o nosso mundo.

Para o andar desse processo, a Literatura apresenta-se como parceira fundamental na migração que se faz tão precisa a esses arquitetos.

A Literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichisa nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ela permite designar os saberes possíveis – insuspeitados, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta (...) a ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens.¹⁰

Esse trabalho gostaria de contribuir para uma transição menos desamparada e menos resignada ao abandono das responsabilidades, em direção ao próximo século que se anuncia.

NOTAS:

1. VIRILIO, 1996, p. 13.
2. VIRILIO, 1996, p. 13. (grifos do autor)
3. BALANDIER, 1999, p. 34.
4. ANDERS, 1969, p. 48.
5. BORGES, 1974, p. 13.
6. GÓMEZ, 1997, p. 362-363. O espaço interior é sempre surpreendente, sempre novo e misterioso. O tempo aqui não é mais linear; nossa interação/participação com a construção encaixa-se em estratos em que ambos revelam e escondem, nunca resultando em um esclarecimento final sobre a idéia da construção. O tradicional paradigma de Dédalo, a idéia arquitetural arquetípica de nossa tradição ocidental é finalmente transformada aqui em uma experiência corporificada. (tradução livre)
7. GÓMEZ, 1997, p. 363. ... por ele mesmo através de uma experiência de des-idealização dos conceitos.
8. GÓMEZ, 1997, p. 368. *La Tourrette* ainda anuncia a possibilidade de uma representação participativa, não redutível no mundo da mídia eletrônica da simulação. A possibilidade de uma arquitetura culturalmente significativa contrapondo-se aos desafios colocados por um mundo privatizado e uma percepção da realidade não raras vezes identificada com uma descrição objetivada. (tradução livre)
9. BAUDELAIRE, 1985, p. 475.
10. BARTHES, 1978, p. 18-19.

ABSTRACT:

This paper studies, through a particular dialogue between Literature and Architecture, possible and necessary movements of a new presented from giving name and inhabiting his own place in the world because of the contemporary scene's deterritoriality. It shows how Kafka and Le Corbusier were capable of building the necessary movements towards a writing and architecture, respectively, constituted by the enlargement of referencial/territorial possibilities to contemporary individual on today's cultural context.

KEY WORDS: *arquitecture, literatue, deterritory, construction.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERS, Günther. *Kafka: pró e contra - os altos do processo*. Trad. J. Guinsdrig. São Paulo: Perspectiva, 1969.

BALANDIER, Georges. *O dédalo - para finalizar o século XX*. Trad. Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BARTHES, Roland. "Escritores e Escreventes". In: *Ensaio Críticos*. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. *A aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. *A parte do fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BORGES, Jorge Luis e GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. Trad. Carmen Vera Cirne Lima. Rio de Janeiro: Globo, s.d.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *KAFKA por uma Literatura Menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DERRIDA, Jaques. *La Dissemination*. Paris: Seuil, 1972.

_____. *A Escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

GÓMEZ, Alberto Pérez. *Architectural representation and the perspective hinge*. London: The Mit Press, 1997.

KAFKA, Franz. *Um artista da fome e A Construção*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1884.

_____. *A Metamoforse*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. *Carta ao Pai*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *Um médico rural*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *O processo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *O veredicto/Na colônia Penal*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. *O castelo*. Trad. Torriere Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, 1981.

NOLL, João Gilberto. *A Céu Aberto*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

RYKWERT, Joseph. *A Casa de Adão no Paraíso*. Trad. Justo G. Beramendi. Barcelona: Gustavo Gili, 1974

VALÉRY, Paul. *Eupalinos ou o arquiteto*. Trad. Olga Reggiani. São Paulo: Editora 34, 1996

VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema*. Trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo: Scritta, 1993.

_____. *A arte do motor*. Trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.